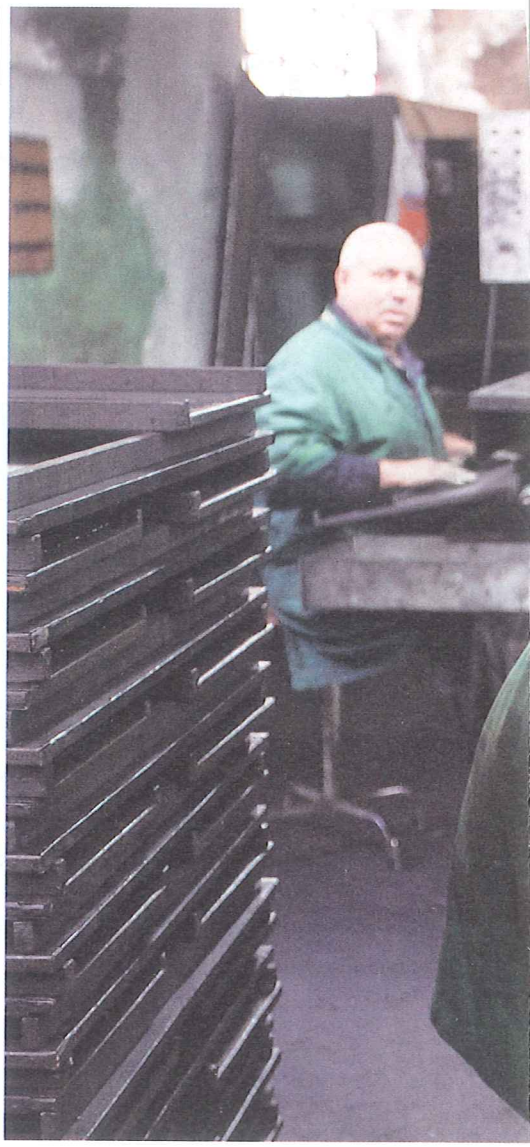
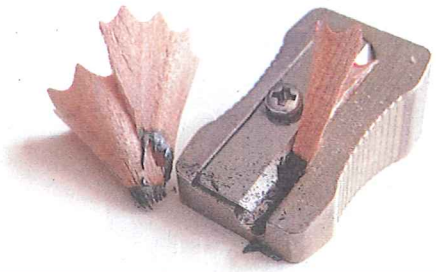


O LÁPIS QUE RENASCE DAS CINZAS



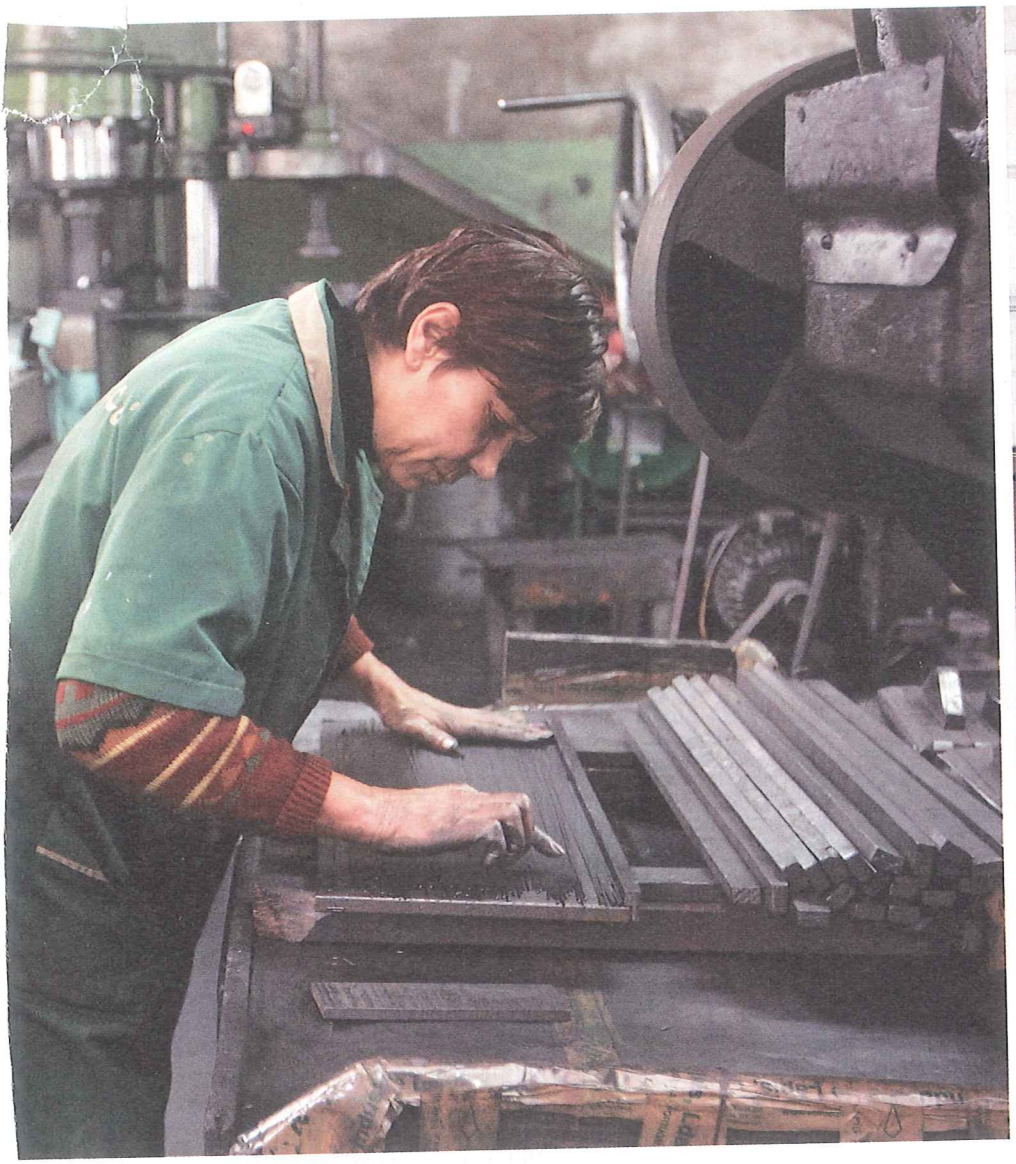
Como recuperar em poucos meses uma empresa em risco de ruína, com máquinas do início do século passado, um único computador e sem dinheiro para investir? Afinal talvez seja possível manter em funcionamento a Viarco, a única fábrica artesanal de lápis da Península Ibérica.

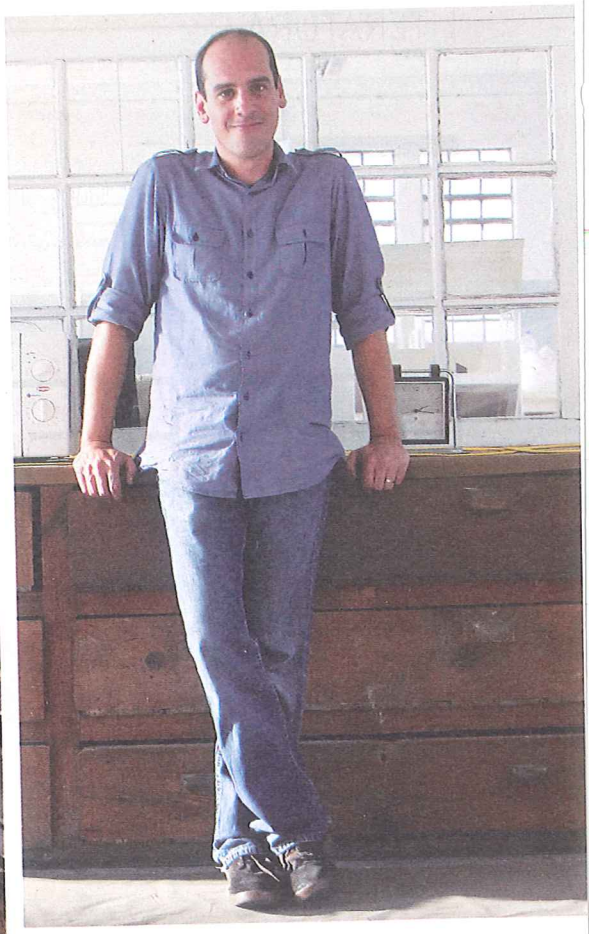
TEXTO DE **HERMANA CRUZ**
FOTOGRAFIAS DE **JOSÉ MOTA**/GLOBAL IMAGENS

Ao entrar na Rua Jaime Afreixo, em São João da Madeira, é preciso olhar duas vezes para o número 533 para acreditar que se chegou à Viarco. Na porta, nem uma placa identifica a fábrica, cujo edifício está em tal estado de degradação que quase parece abandonado. Lá dentro, ficamos com a sensação de ter viajado no tempo. Nada mudou nos escritórios da empresa desde que se transferiu de Vila do Conde para «a cidade das rotundas», em 1941. Na parede, um gigantesco lápis de cor avermelhada transporta-nos para a infância, bem longe da modernidade do *site* da empresa (www.viarco.pt), que faz transparecer uma Viarco do século XXI.

Percebe-se, então, o gigantesco trabalho que José Vieira e Ana Costa têm pela frente. Com pouco menos de 40 anos, o casal teve a ousadia de, em época de crise, comprar uma fábrica com setenta anos e longe de abraçar o choque tecnológico. Ninguém mais na família quis essa tarefa titânica. A maior parte preferia o lucro rápido da especulação imobiliária, até porque, em 2008, a empresa perdera o seu maior cliente, o gigante Sonae. Mas José não conseguia desfazer-se do negócio criado pelo bisavô, onde passou grande parte das suas férias escolares. «Para nós, era completamente impensável o encerramento da fábrica», diz Ana, preocupada em manter os atuais vinte postos de trabalho.

Depois de muita luta, no ano passado conseguiram o empréstimo bancário para comprar a empresa. Mas, parcos de posses, ficaram sem dinheiro para investir na modernização e projeção da Viarco. Que fazer então? «Temos uma empresa onde só existe um computador, onde as cartas ainda são datilografadas, as máquinas são do século passado e não existe capacidade financeira para investir em





José Vieira comprou, com Ana Costa, a fábrica de lápis Viarco, fundada pelo bisavô de José. O choque tecnológico ainda não chegou aqui, mas o casal não está arrependido.

planos de *marketing*», descreve José, que até é licenciado em Marketing e Comunicação. E são aliás esses conhecimentos valiosos que o têm ajudado a dar uma reviravolta – que, contudo, será sempre lenta. Olhou para as máquinas do início do século XX e pensou: «Isto não são máquinas velhas, isto é arqueologia industrial.» E nasceu aí o conceito: a única fábrica da Península Ibérica que ainda produz lápis de forma artesanal.

Mas faltava alguma coisa: criatividade para produzir produtos enquadrados com o novo conceito. E não havia dinheiro para pagar a *designers*. Tinham, porém, muito espaço vago. Resolveram por isso abrir a Viarco a artistas e dos *ateliers* deles começaram a surgir ideias. Muitas ideias, tantas que José queixa-se agora de não ter tempo suficiente para testar todas.

Da união entre a indústria e o mundo artístico já nasceram vários produtos, todos fabricados em máquinas de 1907 e com a marca ArtGraf. O primeiro foi a «Aguarela de Grafite». «Há muito tempo que os artistas tentavam pintar a lápis, mas ficavam sempre riscos. Ao juntar água à mina, de um momento para o outro, pinta-se mesmo. Fica-se com um trabalho que parece feito a lápis, mas sem um único risco.»

A VIARCO ESTÁ A EXPORTAR PARA OS EUA E ITÁLIA, CRIOU NOVOS PRODUTOS E PREPARA-SE PARA INAUGURAR UM MUSEU.

Entretanto surgiram os lápis de cor para daltónicos, os lápis-pião e os lápis magnéticos, entre outros produtos. E, desde setembro passado, vendem para Itália e Estados Unidos, embora a loja *online* permita alcançar o mundo. «Estamos a vender para países como Canadá, Brasil, Chipre e até Israel», diz Ana.

Para breve, outra tarefa monumental: recuperar os edifícios fabris e devolvê-los à traça original. Está tudo velho, muito velho. Com as águas-furtadas do bloco principal em risco de ruir, surgiu uma ideia que agarraram com as duas (quatro) mãos: um projeto de turismo industrial impulsionado pela Câmara Municipal de São João da Madeira. Com esse apoio, o casal está a construir uma sala de acolhimento para as visitas que a Viarco recebe semanalmente, uma loja para venda dos produtos e até um museu, onde serão expostas as máquinas impossíveis de recuperar para laboração e o percurso histórico dos produtos da Viarco..

«Aos poucos, vamos conseguir», diz Ana. Afinal, é a força de vontade que os leva a colorir um futuro que parecia bem negro.